

O rio Douro como ponto de partida para o crescimento económico, tuístico e cultural

Festival internacional do vinho do Douro reuniu centenas de personalidades portuguesas e espanholas em Zamora

Vinus Durii decorreu durante três dias. Um evento "que tem o rio como ponto de partida para a cooperação económica"

Rémulo Jónatas
em Zamora

Terminou ontem o Vinus Durii, o primeiro festival internacional do Vinho do Douro, e que durante três dias levou à localidade espanhola de Zamora várias centenas de especialistas, personalidades políticas, empresários, docentes universitários, produtores de vinho e jornalistas.

Juan Vicente Herrera, presidente da Junta de Castela e Leão, que em todas as suas intervenções nunca escondeu o entusiasmo pela iniciativa, referiu que "este foi o maior acontecimento cultural que tem o rio como o principal ponto de partida para uma cooperação económica mais consolidada na área dos vinhos".

A representar Portugal, além de muitas personalidades políticas e do sector vitivinícola, esteve a Confraria do Vinho do Porto e o Instituto dos Vinhos do Douro e Porto, tendo, a propósito, o seu vice-presidente, Jorge Dias, salientado "a necessidade de encetar esforços conjuntos". "Ficou claro que é fundamental unir forças, essencialmente na promoção da qualidade nas formas de cultivo, a partir de um estatuto de qualidade que permita melhorar a presença dos vinhos do Douro no mercado e que, para além disso, evite a introdução desenfreada de alterações tecnológicas e empresariais que desvirtuem o carácter do vinho", explicou o responsável do IVDP.

Nota para o facto de Pilar del Omo, conselheira das Finanças do governo regional de Castela e Leão e grande mentora desta Feira Internacional, ter manifestado desejo de alar-



O Vinus Durii reuniu centenas de personalidades da região duriense durante três dias / DR

gar a classificação do Alto Douro Vinhateiro como Património Cultural da Humanidade a toda a bacia do Douro, pretensão que Bianchi de Aguiar, ex-secretário de Estado do Desenvolvimento Rural responsável por essa distinção da UNESCO ao Alto Douro, considerou muito "difícil de concretizar", aproveitando para voltar a "bater" na tecla da necessidade de concentrar energias no desenvolvimento do enoturismo: "A concorrên-

cia internacional do sector vinícola obriga a que ambas as regiões comprometidas com o vinho do Douro não se centrem exclusivamente no lucro da produção mas que tenham em conta igualmente as possibilidades económicas do enoturismo".

Exportar a marca Douro para o mundo

Foram muitos os pontos altos deste festival, mas a principal ideia chave que se retira

desta importante iniciativa é a vontade de ambos os países que "dividam" o Douro, mostrando ao mundo que este é o rio de vinho mais importante do planeta e, à "boleia" desse "rótulo" apostarem em exportar uma marca comum "Douro" e multiplicar a produção vinícola.

Criar uma Euro-Região como forma de ganhar mais peso na candidatura aos fundos europeus a atribuir em 2007 e de aproximar cada vez mais a Re-

gião Norte de Portugal e Castela e Leão, foi apenas outra das ideias saídas do certame, que contou ainda com a assinatura de um importante convénio de investigação entre os Institutos agrários de Portugal (Tras-os-Montes e Alto Douro) e Castela e Leão para analisar as variedades da uva, e ainda de um outro, este de intercâmbio e colaboração, pelas associações de escanções do norte de Portugal e de Castela e Leão.

Agustina Bessa-Luís maravilhou

"Quem não nasceu num sobrado por cima dos lagares de pedra onde se pisava a uva português azul, não conhece o Douro". Foi com frases como esta que Agustina Bessa-Luís, consagrada escritora portuguesa (Prémio Camões), deleitou as várias centenas de pessoas presentes na abertura do Vinus Durii. Falando logo após José Jiménez Lozano, também ele um "monstro" da literatura no país vizinho (Prémio Cervantes), Agustina mereceu fortes aplausos após uma bela e até apaixonada visão sobre o Douro e as suas gentes.

"O Douro tem a gente mais indomesticável de Portugal. Não dança, não canta, bebe, não para esquecer, mas como ritual, como se estivesse a beber o sangue do inimigo, a terra que lhe recusa abrigo e que se ama com frieza dos grandes amo-

res", leu a escritora algures no seu maravilhosamente bem preparado discurso, saído de um coração, de uma vida feita em comunhão com o Douro, com o seu povo, com a sua evolução ao longo dos tempos. "O Douro não tem lendas, porque não tem horas vagas", prosseguiu, acrescentando que nesta terra "tudo é destinado a vencer obstáculos da natureza e outros". Aludindo ao facto de Portugal e Espanha se quererem "aproximar" tendo o Douro como pano de fundo, Agustina não terminou sem antes lembrar disputas antigas referindo que "as duas margens de um rio servem tanto a aliança como a separação dos homens". "Como disse Stendhal? Um rio significa a distância; a sua corrente é, como o destino, a levada esteira dos nossos desejos", acrescentou.



"O Douro tem a fente mais indomesticável de Portugal", diz a escritora / DR